

**Apontamentos da Escola de Comunidade (EdC) com Julián Carrón
Milão, 23 de outubro, de 2019**

Texto de referência: J. Carrón-L. Giussani, Quem é este?, suppl. Tracce-Litterae communionis, n. 9, outubro 2019.

- *Foi Deus*
- *Noi non sappiamo chi era*

Glória

Olá a todos aqui presentes e para os que nos seguem em videotransmissão. Começamos o trabalho deste ano sobre a jornada de Início de ano (JIA), que colocou diante de nós qual é a situação em que somos chamados a viver a fé, um contexto cultural que Umberto Galimberti define como niilismo. Não é tanto uma questão de filosofia para peritos na matéria, porque sabemos como todos temos este problema, muitas vezes ficamos à mercê de tudo; segundo uma imagem que nos ajuda a perceber o que é o niilismo, somos um barco sem amarras, não nos ligamos a nada e por isso ficamos à mercê das circunstâncias. Diante desta experiência, não nos safamos a rir e a cantar, dizendo certas frases ou pondo uma pedra sobre a experiência, porque seria não nos levar a sério, e nós estamos aqui pela estima que temos pela nossa vida, por uma seriedade com a nossa vida. Por isso dissemos, seguindo D. Giussani, que não há outra forma de responder ao niilismo a não ser a experiência. É uma coisa que repetimos frequentemente, mas que nem sempre é percebida; às vezes é preciso tempo para perceber.

Leio a mensagem que enviei a um amigo. “Ontem à noite na EdC percebi melhor a experiência. Estava a ouvir aqueles amigos e a certa altura tive vontade de dizer: “Mas vocês não percebem? Se calhar por ser a última a chegar (ainda que no meu caso seja um regresso), é mais evidente: nesta companhia acontece qualquer coisa de humanamente impensável no mundo... “E fiz uma comparação com o que vivi o ano passado. Estive em África 14 meses. Quando voltei, todas as pessoas que encontrava diziam-me: “Deve ter sido uma grande experiência... Que bela experiência...” e outras coisas do género. Mas são tudo tretas. Porque uma pessoa até pode fazer qualquer coisa fora do seu modo normal de viver, mas se depois falta o eu, até 14 meses em África podem não ser experiência. E é incrível porque aqueles 14 meses (e tudo o que já havia antes), estão a tornar-se experiência para mim, agora. Como é que isto é possível? Porque vos encontrei. Toda a gente silencia, não olha, não leva a sério o seu eu, corre atrás de tentativas para resolver os problemas com as suas próprias forças e segundo as suas próprias ideias. Aqui, acontece uma coisa diferente. Nesta companhia somos levados a sério. Isto para mim continua a ser uma coisa do outro mundo! Porque não ficamos todos melhores, ou desaparecem defeitos e dificuldades, nem estamos todos em sintonia... Mas a todos e a cada um aconteceu alguma coisa que nos agarrou e nos mudou. Porque finalmente houve Alguém que nos disse: “Esse coração indomável que tens, com todo o teu desejo, fui Eu quem to dei e não foi um erro. Tu não és um erro, esse desejo de ser amado, que nada consegue satisfazer, não é uma desgraça que te aconteceu”. Então, uma pessoa pode fazer experiência, ou seja, experimentar aquela inteligência do sentido das coisas, que te tira dos teus esquemas, dos teus projetos e dos teus cálculos, para escancarar-te ao espanto diante da realidade que acontece - para além de ti, mas sobretudo para ti - por causa de um encontro, carnal, objetivo, verdadeiro, que acorda o teu coração, ou seja, o teu eu. E como é que se sabe que é verdade? Porque te muda, porque introduz uma novidade em ti, que nem com o maior dos esforços tu terias podido realizar. Aqui está, esta é a graça que eu estou a viver. E a novidade em mim, surpreendendo-a no trabalho, nas relações afetivas e com os meus pais”. Obrigada.

Obrigada, caríssima. Até 14 meses em África podem não ser uma experiência. E qual é a razão? Tu dizes: é porque falta o "eu". Quando falta o eu, somos atirados de um lado para outro, e temos de voltar a um lugar onde podemos levar tão a sério o "eu" que começamos a valorizar o que vivemos. Mas o

que é que acontece quando uma pessoa não se dá conta do que está a viver? Corre atrás - esta é modalidade com que descreves o niilismo - das tentativas de resolver os problemas com as suas próprias forças, e que não resolvem nada. Cada um de nós, seja qual for a hipótese com que se coloca diante da questão, tem de verificar o que é que verdadeiramente lhe serve para viver, para responder ao problema de não sermos atirados de um lado para o outro, e o que é que não ajuda. E tu, precisamente porque verificaste que as tentativas que fazias não davam os frutos que desejavas, pudeste perceber a diversidade do que encontraste quando voltaste de Africa: só um lugar onde se leva a sério o "eu" te pode mudar, nesse lugar fazes experiência daquilo que aquela novidade introduz em ti, uma novidade que nem o maior dos esforços pode produzir. Se nós estivermos atentos àquilo que este lugar nos propõe, podemos verdadeiramente valorizar, como dissemos este verão, e repetimos na JIA, o facto que "o caminho para a verdade é uma experiência". Há alguém que tenha aprendido isto?

Na JIA, fizeste logo uma pergunta: "É mesmo verdade que o caminho para a verdade é uma experiência?" Esta pergunta obrigou-me a um trabalho para identificar na minha vida a verdade dos conteúdos que nos propuseste. Alguns factos que aconteceram ajudaram-me neste trabalho. Numa noite, com um grupo de amigos, estávamos a falar uns com os outros sobre a nossa vida e um deles, em particular, estava a falar do seu trabalho e como vai trabalhar cheio de letícia, consciente de que o lugar de trabalho é o pedaço de realidade onde o Mistério se faz presente à sua vida. Ouvindo-o pensei: "Belo, desejável". Dei-me conta do impacto positivo, mas passado um instante já estava a escorregar, pois em mim prevalecia o pensamento: "Mas eu não sou assim". E tudo em mim se esforçava para me adequar àquilo que me tinha impressionado. Sufocava. Ainda bem que interveio um amigo, que pôs uma simples pergunta: "O que é que me disse a mim, a nós, aquilo que ouvimos? O que é que nos aconteceu, mesmo que não tenhamos a consciência que ele tem?" Com esta pergunta no coração, dormi pouco e dei-me conta de que, como tu disseste na JIA, ouvindo o que aquele amigo contava, no momento em que ele contava, eu estava completamente agarrado por aquilo que acontecia diante dos meus olhos: Cristo estava ali, para mim, naquele amigo, como tu dizes, "tomado até às entranhas". Como a vida é estranha: Cristo acontece e eu deixo-O escapar pondo sempre em primeiro lugar as minhas reacções, os meus estados de ânimo. Mas Cristo não desiste e imediatamente se apresenta de novo através de um amigo que não te deixa ir dormir tranquilo, que não te permite deixar fugir aquilo que está a acontecer. A consequência imediata de que fiz experiência foi dar-me conta que, naquela noite, alguma coisa tinha acontecido, e que, quando acontece, não te permite reduzires-te ao teu limite e à tua incoerência, porque, acontecendo Ele, descobri que o meu coração é irredutivelmente feito para Ele. Esta consciência de que o coração é irredutível deu-me uma grande paz, já não sufocava.

Como dissemos na JIA, podem acontecer factos, mas nós deixamos escapar as coisas. Os Evangelhos falam de factos, de milagres, que aconteciam diante de toda a gente, mas as pessoas não se espantavam como Jesus se espantava, a ponto de dizer, diante do centurião: "Não vi ninguém com uma fé assim", com uma capacidade de reconhecer quem Ele era como a daquele soldado romano. Aquilo que dizes de ti pode acontecer-nos também a nós, porque não é que não suceda, mas no minuto a seguir deixamos as coisas escapar. Ainda bem que o Mistério tem piedade de nós e nos retoma de novo: o que é que aconteceu quando o teu amigo estava a falar? Se nós deixamos fugir isto, se não fazemos um trabalho, se não estamos disponíveis para aceitar os sinais que vêm da realidade, a pouco e pouco, daquilo que acontece, não resta nada, e ficamos à mercê de nós próprios e de tudo o que nos rodeia. Isto pede, como dizíamos antes, a nossa presença, ou seja, que o nosso eu esteja presente. Não é que as coisas não aconteçam, mas se nós, depois de as intercetar, um instante depois, as deixamos escapar, ficamos sozinhos com as nossas tentativas, que não bastam para nos agarrar, porque são demasiado frágeis. Mas quando deixo escapar as coisas, quando desvio o olhar daquilo que acontece diante dos meus olhos, percebo imediatamente o efeito: sufoco. Veem como na experiência se acendem os sinais de alerta? Quando, pelo contrário, interceto aquilo que acontece e tomo consciência, mesmo que eu seja um desastre tanto como antes, começo a sentir paz, como tu disseste: "Uma grande paz, já não

sufocava”. Há sinais através dos quais nós podemos dar-nos conta de quando não estamos a intercetar alguma coisa que está ali, e de quando, pelo contrário, simplesmente, sem ter que fazer sei lá o quê, reconhecemos que é Ele porque muda alguma coisa em nós: já não sufocamos. Numa situação como a atual, fustigados por todos os lados, o desafio é este: a fé, o cristianismo, resiste diante do niilismo?

Sexta-feira foi um dia muito difícil: o peso da semana às costas, trabalho, filhos, compromissos... e eu estava muito cansada. Tinha só de fazer um último "esforço", que era acompanhar um dos meus filhos ao ginásio. E ali, por acaso, encontrei uma rapariga que conheço, porque as filhas dela estão na turma dos meus, na nossa cidade. Começámos a conversar e eu começo a lamentar-me da semana, etc., até que ela me interrompe e me pergunta: "Conheces, por acaso, um bom padre?" Eu fiquei desconcertada, porque nós conhecemo-nos: ela sabe que eu pertença ao movimento e eu sei que ela não é crente. Então olha para mim - eu tinha ficado sem palavras- e diz-me: "Sabes, eu já não consigo fingir que não é nada, agora é cíclico, já não consigo controlar o desejo de encontrar um sentido para a minha vida. Abandonei a fé que os meus pais me comunicaram na adolescência, porque não aguentava. Às vezes, procuro sufocar estas perguntas, mas passado pouco tempo voltam. Dou-me conta de ter uma necessidade enorme de ser amada; as coisas que tenho já não me bastam". Eu fiquei de boca aberta, comovida. E então comecei a contar o caminho que estou a fazer, até ao ponto de citar a JIA, e enquanto dizia: "Sabes, o Carrón começou a citar um psicólogo, Galimberti...", ela interrompeu-me e disse: "Sim! O niilismo! Estou precisamente nesse ponto". Continuei a contar da companhia cristã em que vivo e ela disse-me: "Estás a ver? Eu também queria amizades assim" Então disse-lhe: "Eu queria muito uma amizade assim contigo" e ela respondeu-me: "Eu sei, por isso é que eu te contei" No dia seguinte, pelas 18h00, dei-lhe a Passos, em que estava o texto da JIA. Às 10 da manhã do dia a seguir viu-me e disse-me "Já a li! Obrigada! Está a ajudar-me imenso" E então eu convidei-a para a EdC desta noite. E impressionou-me porque imediatamente disse-me: "Sim, vou!" sem hesitar. Para mim, o que aconteceu foi um presente enorme: porque ver uma mulher com uma tal pureza e lealdade fez-me desejar também ser assim, ter um coração assim. É estranho, porque estava estoirada, mas, depois daquele encontro, voltou-me uma energia enorme. Como se tivesse sido revigorada. E estou muito grata, porque percebo que a graça que me aconteceu, encontrando Jesus através do movimento, é mesmo um tesouro, dou-me conta que trago comigo um grande tesouro, de que alguém, certamente, está à espera.

Também nós, como dizias no início, podemos estar à mercê de tudo - um dia pesado, a semana com todas as suas complicações – e encontramos uma amiga que está na nossa situação e já não aguenta mais viver sem sentido. E isto é verdadeiramente consolador porque significa que não precisamos de nada a não ser fazer contas com a nossa humanidade. Pobres coitados que somos, não temos de estar à altura de nada, nós que encontramos Cristo e o outro que anda à procura de um sentido para a vida. Como veem, o último que chega pode tornar-se um dom para nós e nós para ele, porque estamos todos desejosos de encontrar algo que nos agarre. E quando o encontramos, percebe-se logo a disponibilidade da pessoa, como tu dizias: uma pureza e uma lealdade que comovem. Tantas vezes somos nós que ficamos desconcertados com aqueles que acabamos de encontrar, como aconteceu com Jesus nos Evangelhos: "Não vi em Israel uma fé tão grande", dizia do centurião. Hoje como então! E, por isso, todos somos companheiros de caminho, e os que acabaram de chegar tornam-nos conscientes daquilo que nós vivemos, também através da Passos, a Passos, que nós tantas vezes nem sequer folheamos... Nem sequer a lemos, enquanto aquela amiga a leu em menos de 24 horas. E isto diz-nos que desperdício fazemos dos dons que o Mistério nos dá. Como te aconteceu, pode acontecer a qualquer um de nós. O niilismo, ou seja, o vazio de sentido, é aquilo que, paradoxalmente, nos facilita intercetar alguém em quem se vê acontecer alguma coisa. Porque, de todas as pessoas que tinha à sua volta, perguntou sobre o padre precisamente a ti, pelo desejo de uma relação que a tirasse da situação de falta de sentido em que se encontrava.

A este propósito, um amigo pergunta: "Mas a autoridade é uma pessoa, uma pessoa com nome e apelido?" Se estamos atentos a como aconteceram as coisas que acabámos de ouvir contar, aquela rapariga não encontrou uma abstração; encontrou uma pessoa com nome e apelido, uma amiga em quem viu alguma coisa que lhe interessava. Aquele amigo pergunta ainda: "Ou é preciso uma particular afinidade afetiva?" Todas estas problemáticas em que nós ficamos enrolados (como se a realidade tivesse que entrar à força dentro de uma imagem), desaparecem quando somos verdadeiramente necessitados: tudo é mais fácil se temos uma pureza e uma lealdade com aquilo que acontece. Por isso, são autoridade aqueles em quem nós vemos que o niilismo está vencido, seja qual for a situação em que uma pessoa se encontra, os erros que fez (como Maria Madalena, a pecadora). Tudo isso não interessa, tudo que para nós é uma objeção não constitui obstáculo: que uma pessoa se foi embora, ou se afastou por algum tempo, que ainda não tenha encontrado, que está distraída, etc., a única coisa que conta é a lealdade, a pureza com que uma pessoa está diante da modalidade com que o Mistério a vem agarrar agora. A experiência que fazemos no presente faz-nos perceber ainda mais o alcance dos relatos evangélicos, e espanta-me como os relatos do Evangelho que citámos na JIA se tornam o cânone, o paradigma através do qual nós descobrimos a novidade que Cristo trouxe à nossa vida.

Ao trabalhar nestes dias sobre a JIA, impressionou-me muito toda a situação que explicas com o exemplo da Madalena. No final dizes, na pág. 6: «A diferença é óbvia quando encontramos uma pessoa agarrada até às entranhas. Isto é a fé».

É o que Jesus lhe diz: «A tua fé te salvou». (cfr. Lc 7,36-50).

O facto é que me perguntei o que era para mim a fé e dei-me conta que para mim a fé sempre foi uma questão, digamos, de uma "afirmação granítica" e de algumas coisas para fazer, a praticar (a EdC, as orações, a missa). E contentei-me sempre com isto. Porém, com o passar do tempo, cansei-me de viver certas coisas sem deixar espaço à minha humanidade e impressionou-me muito como tu puseste em correlação a fé com uma questão de afeto, de ímpeto por qualquer coisa, por alguém, como foi com a Madalena. Então surgiu-me esta pergunta: mas o que é que quer dizer viver a fé? Porque é que é posta em correlação com uma questão de afeto? Por exemplo, eu vivo momentos de afeição quando fazemos um jantar com o meu grupo de Fraternidade ou vivo uma afeição sincera com algum amigo ou amiga; vivo, empenho-me nos gestos, como o do Happening que fizemos com a nossa comunidade em setembro (que me fez entrever um "mais" e me permitiu aumentar amizades gratuitas, belas); Chega isto? é isto viver a fé?

Deixa aberta estas perguntas. Não temos pressa em fechá-las com uma definição porque, como viste, - é impressionante aquilo que tu descreves! -, muitas vezes o cristianismo é reduzido a doutrina - na tua linguagem, "afirmação granítica" - ou a ética - como tu disseste, "algumas coisas para fazer". Este é o standard normal a que se reduz o cristianismo. «E contentei-me sempre com isto», dizias. Agora dá-te conta que isto já não te basta! Na minha opinião, é interessantíssimo que nós, quando nos encontramos diante da passagem do Evangelho que citámos na JIA, tornamo-la no cânone, no paradigma para ajuizar: a Madalena vivia alguma coisa, que nós, com todas as nossas afirmações graníticas e todas as coisas que é preciso fazer, perdemos. O Evangelho, finalmente, começa a falar: sem grandes discursos, simplesmente através de certos relatos, comunica-se a natureza do cristianismo que tantas vezes a nós nos escapa, mas que - graças a Deus, porque tu já não te queres contentar com um cristianismo reduzido, porque a tua humanidade já não se contenta com isso (percebes o papel decisivo da tua humanidade?) - nos impressiona e que desejamos. Por isso digo que a situação que vivemos agora pode tornar-se uma bela ocasião para nos darmos conta de como nós reduzimos o Cristianismo a doutrina ou a ética. Para a Madalena, pelo contrário, o cristianismo não era nem doutrina nem ética, era o ser agarrada por uma Presença, por um homem que falava, que fazia certas afirmações, e que fazia certas coisas. Mas, em primeiro lugar, era Alguém que a agarrava totalmente! Nós podemos dizer estas coisas com palavras, mas no fundo reduzindo cristianismo a doutrina e ética. Mas o cristianismo é o acontecimento do Verbo (a doutrina), feito carne. Porque sem que se faça carne não nos agarra totalmente, até às entranhas! Dizer que tem a ver com as entranhas não significa

reduzirmos a fé a um sentimentalismo, mas reconhecer que se não chega a esse ponto, ficamos à mercê de tudo o que nos rodeia. E bastou ter posto diante de todos uma passagem do Evangelho dentro do percurso que estamos a fazer para que ele começasse a falar à nossa vida como antes não falava. Quantas vezes terás ouvido, quantas vezes teremos ouvido o episódio da Madalena? E no entanto, agora, fala-nos com um tal poder que nos faz descobrir a redução que nós fazemos, que tu descreveste milimetricamente: «afirmações graníticas e coisas para fazer». Podemos estar empenhados, dizíamos na JIA, a fazer as coisas da associação e em repetir afirmações, mas permanecerá para sempre a pergunta de Jesus, «Mas quando o Filho do homem voltar, encontrará ainda fé sobre a terra?». Fé no sentido que estamos a dizer, ou seja, como alguém agarrado pela sua Presença. E isto é impressionante, porque, o que é a fé? A fé é reconhecer uma Presença que te magnetiza, que te cola, que te agarra totalmente. Então, para perceber se basta isto que tu dizes, o que é que é preciso?

A JIA tornou viva para mim a questão do que significa "ser gerado" e "ser filhos". A primeira luta pela qual tive de passar foi não reduzir essa questão a uma imagem de "quem é um pai para mim" ou a uma questão psicológica ou sentimental. Era tudo demasiado redutor, e eu via-o pelo facto de não gerar em mim aquela liberdade e aquela letícia tão desejáveis...

Veem como aparecem logo os sinais que alguma coisa não está bem? A imagem que fazemos não gera a liberdade, a letícia.

Aliás, quase complicavam mais a minha vida. Portanto, aceitei dedicar-me ao trabalho indicado de olhar para a experiência e ajuizá-la...

"Olhar a experiência" é um belo trabalho! Não o demos por óbvio uma vez que continuamos a fazer os mesmos erros. Estamos aqui "há séculos", e continuamos a fazer os mesmos erros, porque não aprendemos nada com a experiência.

Querida ver onde e como o Senhor decidiria ser surpreendido Vivo e Presente novamente na minha vida. Conto dois factos. O primeiro é que há cerca de um mês estava a contar a minha experiência com outras duas muçulmanas sobre o tema "Mulheres de paz, de solidariedade e de diálogo". Após uma primeira série de intervenções delas, contei eu sobre mim, sobre a minha experiência, mostrando também fotografias. A mulher muçulmana mais nova agradeceu porque nas fotografias viu pessoas a sorrir e disse: «Vê-se que é um "sorriso verdadeiro"» A segunda mulher, que até então tinha falado em termos sociológicos e "por categorias", sente-se livre para dizer: «Talvez seja melhor eu falar sobre mim agora». Realmente aconteceu um encontro entre nós as três e, quando entrei no carro, disse: «Espantoso o que Jesus pode fazer quando acontece! Muda o coração! E torna as relações mais humanas. E isto só Ele o pode fazer!» Volto para casa com uma afeição e liberdade renovadas que levo comigo, mesmo para o local de trabalho. O segundo facto que quero contar aconteceu na escola. No início do ano letivo, veio uma mãe com o véu árabe, o hijab, aquele véu preto que cobre todo o corpo e deixa ver apenas os olhos. O constrangimento de todos notava-se à flor da pele e sinceramente também eu acusava o impacto daquela diversidade. Nos dias seguintes, no diálogo com essa mãe, por alguns problemas com o seu filho, olho-a nos olhos, até com certa ternura, querendo ir além daquela aparência tão distante de mim. Ao olhá-la, pensei em quantas vezes Jesus fez isso comigo: olhou-me nos olhos e veio à procura do meu coração. E eu também comecei a desejar olhá-la assim. E acontece que uma manhã, enquanto conversamos, ela inesperadamente levanta o véu e revela-me o seu rosto jovem. Eu senti o impacto, e disse a mim mesma: «Mas quem és Tu, Jesus, que quando me aconteces como Memória em mim, até o outro, tão diferente, está mais livre para ser ele mesmo e revelar o seu rosto?» E eu também me redescobri ainda mais a ser mais filha da Sua ternura e da Sua fidelidade na minha vida. E até o meu aluno começa a mudar. É realmente verdade que, para entender o que significa ser filho, não é preciso raciocinar sobre isso, mas basta deixarmo-nos simplesmente surpreender e gerar por aquilo que acontece e por Quem acontece. É um belo início de ano! Obrigada. Impressionante, porque, como nós vemos, não é preciso nada de especial. Podemos estar nesta sociedade multicultural e encontrar pessoas totalmente diferentes de nós, como estamos a ver hoje, e como era no tempo de Jesus, quando Ele encontrava o centurião ou o samaritano - curou dez leprosos

e só o samaritano voltou para agradecer. Em que é que se vê que aquela jovem mãe, na sua diversidade, participa naquilo que Jesus introduziu na história? Porque começa a ser ela própria, na modalidade que menos esperavas, porque que uma pessoa se sinta tão à vontade diante de ti que retira o véu, é verdadeiramente imprevisível. Ela teria um estereótipo sobre um cristão ocidental, como nós temos um estereótipo de uma mulher muçulmana, mas nenhum estereótipo impediu que, a uma dada altura, ela fosse investida por um olhar que a fez sentir-se livre de ser ela própria até ao ponto de “desvelar-se” a ti, e tu poderes espantar-te com ela. Isto diz mais do que qualquer comentário que possamos fazer, do que pudéssemos inventar, de todas as dificuldades que podemos enumerar sobre a possibilidade de comunicar a fé nesta situação multicultural. Diante de factos como estes não há palavras a acrescentar, porque experimentamos com surpresa que quando nos deixamos gerar pelo olhar que Jesus introduziu no mundo e que nos chega através da nossa história, começamos a gerar também nós, a dar um contributo aos outros, para que se tornem eles próprios. O Evangelho não diz como é que continuou a história do centurião com Jesus e com o Mistério. Teve que ser ele a jogar o jogo, e Jesus não parece muito preocupado com isso. O Evangelho não diz que Jesus ficou a pensar: «O que é que vai acontecer, depois do milagre que fiz?». Jesus apanha aquele instante de abertura do centurião e coloca-o diante de todos: «Não vi ninguém com uma fé assim», um reconhecimento tão grande da Sua presença. Por isso, se nós nos deixamos verdadeiramente tocar por aquilo que vemos acontecer na nossa forma de olhar, de entrar em relação com as pessoas, podemos encontrar uma resposta àquilo de que estamos à procura. Mas isto é capaz de resistir ao impacto do tempo? Quem viu, na sua experiência, que resiste?

"Quem é Este?" Penso que esta pergunta, ou melhor, o facto de nas circunstâncias acontecer fazer essa pergunta, é a única possibilidade de perceber o que resiste ao impacto do tempo. Quando, cego, não intercetava alguém que, quase sem pensar, me fizesse perguntar: "Quem é Este?", sentia como se tudo, mais tarde ou mais cedo, pudesse terminar. Até o amor mais doce ou a amizade mais querida. Eu tive que vaguear, às vezes aparentemente sem sentido. Percebi então que o meu vaguear era para procurar um significado, porque a pergunta: "Quem é Este?", no meu passado, tinha-a feito tantas vezes, e estranhamente ou milagrosamente não me abandonou, mesmo que ultimamente, no último período, ela permanecesse submersa, escondida de não sei que parte de mim. Mas dizia que esta é uma pergunta desconfortável, pelo menos, para mim, porque é uma fadiga de adulto, que não precisa de ser paga por nada, por nenhuma fila da frente, ou por gratificações mundanas ou religiosas, que duram o que duram. Perguntar-se "Quem é Este?", na minha opinião, é uma fadiga de adulto, porque é um Amor que, de alguma forma, já é tudo. Conto uma coisa para explicar porque é que digo isto.. O meu irmão e a minha cunhada tornaram-se, em adultos, do movimento. Em 30 anos de movimento, eu nunca lhes falei do movimento! Por uma questão particular, falaram com a minha mulher e ela convidou-os para a tua EdC. Eles deram alguns passos, e agora participam no nosso grupo de fraternidade, porque depois de 3 ou 4 anos inscreveram-se na Fraternidade. Quando foi a Assembleia dos novos inscritos na Fraternidade, os dois voltaram e pareciam ser João e André, porque, enquanto contavam, para nós que estávamos a ouvir era evidente, não havia dúvidas que eles tinham encontrado uma coisa diferente. Eu estava num momento em que achava que já não havia nenhuma novidade para mim. Pareciam-me demasiadas palavras já ouvidas, demasiadas polémicas, demasiada presunção de já saber, tanto em mim como nos outros... Um tédio, no fundo, estava bastante aborrecido. Pelo contrário, estes dois voltaram e disseram: "Quando o encontro terminou, não queríamos ir embora, sentimo-nos compreendidos e amados!". Olhando para eles, eu disse a mim mesmo: o que é que eles vêem que eu já não vejo? Então, na JIA percebi que eles são uma autoridade para mim, porque, sem nenhum especial pré-requisito de "etnia celina", eram, naquele momento, para mim, autoridade, no sentido em que o diz Giussani, «o lugar onde a verificação entre percepção, as exigências do coração e a resposta dada pela mensagem de Cristo é mais límpida e mais simples e, portanto, mais pacífica" (pg. 10). Este é o motivo por que somos um grupo de Fraternidade e, quando nos encontramos, não há nem formalismos nem medidas certas, ajudamo-nos com muita liberdade a aproveitar a Presença de Cristo entre nós e a perguntarmo-nos, sobretudo: "Quem é Este?" E mesmo eu, ainda que continue

a vaguear, estou cada vez mais contente, porque me sinto como o cego de nascença: podem dizer-me o que quiserem, mas eu agora estou contente e dantes não estava. Também tenho que te agradecer, porque nestes 15 anos, mesmo sem nos conhecermos, senti-me realmente acompanhado por ti no seguir Giussani. Obrigado.

O que é que vêem o teu irmão e a tua cunhada, que tu já não vês, apesar de cá estares há 30 anos? Podias ter começado a zurzir-te, pelo contrário, seguiste-os, simplesmente foste atrás deles. Em vez de te julgares porque estavas “cego”, simplesmente seguiste a modalidade com que o Mistério te veio buscar de novo. Esta é a autoridade, aquele em quem uma pessoa vê que aquilo que deseja acontece de forma mais límpida, como diz D. Giussani. Por isso, se uma pessoa é simples – não importa como se sente - deixa-se gerar pelo último que chega, precisamente porque o último a chegar lhe é dado para aproveitar aquela Presença que nós, tantas vezes, já não vemos, não conseguimos intercetar. Como já não A vemos, o Mistério coloca à nossa frente alguém em carne e osso no qual Ele se torna evidente. Mais do que isto, o que é que pode fazer? Por isso quando uma pessoa se dá conta, só pode dizer, como tu dizes, o que respondeu o cego de nascença: “Deixem-me em paz, eu dantes não via e agora vejo”; tu dantes não estavas contente e agora estás.

Escreve-me uma pessoa que às vezes é como se tivesse medo de um pai, de uma autoridade tal como a descrevemos. Não é imediato reagir como tu reagiste com o teu irmão e a tua cunhada, porque diante de uma autoridade uma pessoa pode começar a medir-se: “O que é que o outro vai pensar? O que é que vai dizer?” colocando-se o problema de se se é adequado, se se está à altura, em vez de se deixar investir pelo facto que, ali, naqueles dois que contam a Assembleia, está a acontecer a vitória de Cristo. É este acontecer de novo da Sua vitória que purifica de novo o olhar e torna-nos livres de novo, vence o medo daquilo que o outro poderá pensar de nós. Por isso, devemos estar atentos à experiência: quem é verdadeiramente pai?

Voltando para casa depois da JIA, estava cheia daquilo que tinha ouvido, daquilo que tinha acontecido. A um certo ponto, no entanto, comecei a pensar nas pessoas que encontro todos os dias, por acaso ou no trabalho, e nasceu em mim, de repente, esta pergunta: mas porque é que tenho o problema da autoridade? A vida já está cheia de problemas... Porque é que tenho que ter este problema?!” Esta pergunta, desde logo, comoveu-me e encheu-me de silêncio, como ocorre quando te acontece alguma coisa ou há alguém que te obriga a parar e a olhar. Se a pergunta me comoveu, a resposta fez-me e faz-me tremer as pernas, como quando te sentes investida por uma coisa enorme: a autoridade é o modo como Deus se fez conhecer a mim, é o método com que Ele entrou na minha vida. Podia não o fazer, e fê-lo. E fê-lo com um rosto (e não com outro), e num lugar (este, e não outro). Tomar consciência disto quase que me tira a respiração. Que tremor e que gratidão! Pouco a pouco, com o tempo, dou-me conta que toda a realidade pode ser autoridade, o Mistério pode vir ao meu encontro das formas mais estranhas e imprevisíveis. E eu reconheço os Seus traços inconfundíveis pelo facto que, todas as vezes, a vida recomeça a falar. Há, porém, um ponto constante no qual faço uma experiência particular de autoridade, no qual vivo e revivo aquela explosão de liberdade de que nos fala Giussani e este ponto és tu, ou melhor, é a experiência de fé que tu vives. Ao pensar neste período, a coisa que mais me impacta e contagia é a tua obediência e o teu amor à realidade. E eu sei que isto só é possível se se estiver em relação com Quem a gera. Obrigada.

Posso fazer-te uma pergunta? Porque há uma pessoa que me escreve, dizendo-me, como tu disseste antes: «Toda a realidade é autoridade». Mas então não bastava viver a relação com a realidade, que já é autoridade? Porque é que tens que acrescentar o nome e o apelido? Não o fazes um bocado “personalisticamente”?

A mim acontece-me assim: às vezes tenho estes momentos em que reconheço uma autoridade, mas depois...

«Mas depois»?

Mas depois caio de novo nas minhas aulas para preparar, nas minhas coisas quotidianas, reduzo tudo às minhas coisas.

Agradeço a tua resposta, porque muitas vezes uma pessoa não se dá conta que é verdade que, quando se encontra uma presença, como ouvimos tantos contar esta noite, muda a forma de estar na realidade e tudo se torna sinal, autoridade, podemos dizer. No entanto, antes ou depois, aparece um “mas”, um “todavia”. E no entanto, há qualquer coisa antes do “mas”, como D. Giussani sempre nos ensinou, citando Guardini: "Na experiência de um grande amor [...], tudo o que acontece torna-se acontecimento no seu âmbito" (*L'Essenza del cristianesimo*, Morcelliana, Brescia, 190, pg. 12). Ao jantar, uma amiga contava que, tendo-se apaixonado, tudo lhe fala mais. Na história de um grande amor, começa a olhar com um olhar novo, diferente, até as coisas que normalmente a aborrecem. Mas, como tu dizes, a questão é o desafio que nos lança Giussani: verificar se este amor dura no tempo quando não temos alguém que nos gera. Por isso afirma: "Ninguém gera se não é gerado". Se não continua a acontecer, a realidade deixa de falar assim, a realidade já não se torna autoridade assim, já não se torna tão nova, como dizíamos. Para deixar-se gerar é preciso encontrar um pai, seja quem for, não importa o nome e o apelido. A questão é que não basta ter sido gerado no passado; é preciso ser-se gerado agora, porque no momento em que isto já não acontece, na nossa relação com a realidade voltamos ao velho "ramerrame". Sozinhos, com as nossas abstrações, não conseguimos sair do nada, não saímos do niilismo. Dizia-me um amigo esta semana: "Pai é alguém que reacende o nível da verdade da minha vida e me arranca da banalidade quotidiana". Por isso é preciso um nome e um apelido. Cada um terá que o identificar, porque aqui joga-se verdadeiramente a natureza do cristianismo. A paternidade, a autoridade, diz Giussani na JIA, é a coisa mais estranha à mentalidade comum, tanto que qualquer coisa que se identifique com isto corre o risco de ser catalogada como personalismo. E, no entanto, sem uma paternidade o cristianismo torna-se abstrato, e nós vemo-lo porque já não nos agarra. Por isso, penso que esta situação particular que estamos a viver, este niilismo em que nos encontramos a viver, é uma ocasião extraordinária, como estamos a ver, para reconhecer que uma "afirmação granítica" e "coisas para fazer" não nos agarram, que a redução do cristianismo a isto não nos chega para viver. E, por isso, podemos reconhecer que só quando acontece aquilo que está descrito no cânone, no paradigma que é o Evangelho, ou seja que só quando encontramos alguém de carne e osso que reconhecemos a presença de Jesus porque nos agarra até às entranhas, só então é cristianismo, e só então se demonstra na sua novidade de acontecimento que te resolve a questão da vida. Se não te agarra até às entranhas, o cristianismo não conseguirá nunca ser uma resposta que nos agarra totalmente. Pelo contrário, quando acontece, a ver se não nos agarra totalmente!

Quando este ano, neste ano inesperado, me chegou a casa o cartão de inscrição na Fraternidade, comovi-me pela sensação de me sentir filha. Envolvida por um olhar paterno, certo. E quando ouvi falar de autoridade na JIA, não pude deixar de pensar em todas as pessoas que encontrei e encontro, como esta noite, e que continuam a contribuir para alimentar em mim essa certeza. Mas há um passo novo que estou a dar neste caminho, que para mim começou, aparentemente, há pouco tempo: o dar-me conta. Dar-me conta de que tudo aquilo que me acontece me constitui. Que faz mesmo parte de mim. Que não é um sentimento nem uma emoção, mas uma forma de ser e de fazer. É como se tudo se multiplicasse na vida de todos os dias e não consigo deixar nada de fora de tudo isto, não consigo deixar que nada se perca. Isto muda as 24 horas dos meus dias, é como se o tempo, as coisas, se multiplicassem pela intensidade com que as vivo agora. Aconteceu-me uma coisa talvez banal há alguns dias. Conheci uma pessoa, e como acontece, trocamos perguntas para perceber quem está à nossa frente, e dei-me conta que, (e isto espantava-me, antes de mais, a mim mesma) ao falar e responder a esta pessoa, ao falar de amizades, relações, fosse do que fosse, mesmo as coisas mais banais, não conseguia deixar de fora de nada o que tinha encontrado. Não conseguia deixar Cristo de fora de nenhuma palavra ou questão, E a cada pergunta sua respondia com o que estava a viver, e ele respondia-me sempre "Que interessante...", mesmo que não falasse explicitamente de Cristo. É incrível, porque no passado, talvez deixasse "a questão religiosa" de lado, talvez com o medo de ser "catalogada". Não falava explicitamente. Agora pelo contrário, não consigo evitá-lo, não consigo não o fazer. Até porque me faz sentir-me "mais eu mesma". E dou-me conta de que os olhos de quem tenho

à minha frente e me ouve se escancaram quase mais do que os meus, como que a dizer: "Mas do que é que esta aqui está a falar...?!" Um pouco como me acontecia e me acontece quando oiço outras pessoas totalmente agarradas por Ele. E agora sou eu que estou agarrada por Ele! E isto muda a vida, multiplica tudo! É como se fosse sempre domingo. Isto é viver! Identifico isto como experiência. Só me pergunto como é que posso fazer para O reconhecer sempre nos meus dias. Como posso fazer para não deixar que isto me escape? Tenho medo que tudo isto desapareça de repente ou que as dificuldades façam que já não seja visível.

Não te preocupes. Ele disse-te: «Estarei convosco todos os dias até ao fim do mundo» (Mt 28,20) por isso nunca desaparecerá! A única coisa que devemos pedir é a simplicidade de coração para O reconhecer quando acontece, como tu estás a fazer, porque isto é aquilo que verdadeiramente nos torna filhos. É interessante quando uma pessoa se surpreende gerado, porque não deixa nada de fora daquilo que vive, tudo está investido por aquela novidade que Cristo introduziu; tu não consegues falar das coisas da vida sem falar desta novidade. Não é que seja preciso acrescentar a palavra "Cristo", até porque tantas vezes as pessoas pensam que já sabem o que é que é Cristo. As pessoas surpreendem-se vendo a novidade que uma pessoa vive e que provoca um fascínio, experimentam uma correspondência ao que esperam que lhes pode falar mais de Cristo do que se uma pessoa lhes diz o nome que acham que já sabem. Este é o grande desafio que temos diante - cada um de nós: deixarmo-nos gerar, para que qualquer pessoa que nos intercepe, através das relações e das circunstâncias da vida, possa encontrar alguém onde o niilismo foi vencido. Porque este é o testemunho mais claro de Cristo que podemos dar: um lugar em que Cristo vence. Por isto, continuamos a ter diante de nós esta JIA, o trabalho sobre ela não acaba aqui, ainda que começemos o próximo texto; a JIA vai determinar o ano, como vimos que a JIA do ano passado determinou todo o ano até hoje. Não fechamos aqui a questão, porque ainda nos falta muito para perceber o que quer dizer esta paternidade, este ser filhos, para que possamos estar cada vez mais magnetizados por Cristo presente.

A próxima EdC (em Itália) será 4ª-feira, 20 de novembro, às 21h.

Vamos começar o trabalho sobre o novo livro **Gerar rasto na história do mundo** que D. Giussani escreveu juntamente com Stefano Alberto, chamado Don Pino, e Javier Prades.

Neste texto, recolhem-se intervenções de D. Giussani em diálogo com os responsáveis do movimento durante os anos 90. Estas intervenções assinalaram o caminho e acompanharam a vida do movimento durante aqueles anos. D. Giussani falava deste livro como de "novos rastos de experiência cristã", referindo-se a um dos primeiros textos do movimento – *Traços de experiência cristã*. É uma grande ajuda para continuar o percurso que fizemos nestes últimos anos. Partimos do *Sentido religioso* do qual somos constituídos; a seguir, refletimos sobre o que é que está *Na origem da pretensão cristã*, que investiu a nossa vida; por fim, trabalhamos sobre o *Porquê a Igreja?*, o prolongar-se de Cristo no tempo e no espaço. Agora vamos ver o que é que tudo isto diz à vida na sua quotidianidade. No último ano estivemos diante do testemunho de D. Giussani, "Vivo quer dizer Presente". Acolhemos o desafio colocado pela sua pergunta: "O que é que resiste ao impacto do tempo?", que enfrentámos nos exercícios do CLU e da Fraternidade, para os quais muitos de vocês contribuíram a partir da vossa experiência. Na JIA deste ano, sublinhámos que a experiência é a "palavra-chave de tudo". Dizia D. Giussani, «Foi através de uma experiência verdadeira e objetiva que os homens se deram conta da presença de Deus no mundo (pgs. 3-4), como vimos também esta noite. É embatendo-nos numa presença que faz surgir a pergunta: "Quem é este?"». O novo livro insere-se neste percurso. Com "*Gerar rasto na história do mundo*" vamos poder aprofundar mais os conteúdos da JIA. Vamos ver a experiência cristã que D. Giussani nos testemunha e nos propõe, com toda a sua preocupação de confirmar o método do movimento, ou seja, a redescoberta do acontecimento cristão como encontro. Tendo visto quantas vezes, no caminho, caímos nas nossas reduções, a insistência de D. Giussani é um sinal da sua paternidade. Por isso dizia: "Para Se fazer reconhecer, Deus entrou na vida do homem como homem, segundo uma forma humana de tal forma que o pensamento, a imaginação, a afetividade do homem, fossem magnetizadas por Ele" (pg. 5). Se isto não acontece, nós não O conhecemos.

Veremos também toda a amplitude e profundidade de D. Giussani relativamente à fé: “Esta é a vitória que vence o mundo: a fé”, ou seja o reconhecimento da Sua Presença presente, uma Presença que te agarra até às entranhas e que continua no tempo através da Igreja, a contemporaneidade de Cristo na história, “a companhia daqueles que Cristo identificou consigo” e que se manifesta na história como um povo novo, “um lugar que é caminho” (como dizíamos nos Exercícios da Fraternidade).

O trabalho até 20 de novembro será sobre estas duas partes: a “Introdução” e os 2 pontos iniciais do 1º capítulo (O ACONTECIMENTO CRISTÃO COMO ENCONTRO), ou seja, as partes sobre “André e João” e “O método de Deus”. É possível como sempre enviar perguntas e breves contributos para sdccarron@comunioneliberazione.org, para os estrangeiros, até sexta à noite, porque é preciso traduzir, e para os italianos até ao fim de domingo antes do nosso encontro, com o vosso número de telemóvel para vos poder contactar.

O livro do mês para novembro e dezembro vai ser "*O coração do mundo*", de John Henry Newman, (coleção Biblioteca dello Spirito Cristiano, da BUR).

A leitura deste livro permite-nos conhecer o pensamento e a fé do cardeal Newman que, como sabem, foi proclamado santo a 13 de outubro e antecipou muitas das coisas que ouvimos esta noite na forma de viver a fé.

O movimento propõe a todos sustentar estes dois gestos: em primeiro lugar o dia de recolha do Banco Alimentar, que terá lugar no sábado 30 de novembro, em adesão à Jornada mundial dos pobres, proposta pelo Papa para o domingo 17 de novembro. Na sua mensagem, o Papa, com as palavras do salmo 9, "a esperança dos pobres nunca será desiludida", convida-nos a restituir a esperança perdida diante das injustiças, sofrimentos e precariedade.

O outro gesto é as Tendas de Natal, que este ano terá como título: *Joga-te connosco. Gerações novas. Protagonistas do mundo*. Vai ajudar projetos na Síria, Líbano, Moçambique, Amazónia, Venezuela, Itália e apoio à distância.

O Banco Alimentar e as Tendas de Natal são dois gestos simples, que nos educam a perceber que caridade é a paternidade que recebemos da nossa companhia, que nos alarga o horizonte às necessidades do mundo. São gestos tão simples e que tocam as exigências fundamentais de cada homem, que podemos propô-los a cada pessoa com quem partilhamos a vida de cada dia, para que possa renascer neles uma curiosidade e uma esperança.

Veni Sancte Spiritus

Boa noite a todos.